

A intoxicação generalizada e o delírio de normalidade

Lilany Pacheco

Resumo: Este texto busca articular intoxicação e delírio de normalidade ao tema da clínica do delírio generalizado.

Palavras-chave: Intoxicação, delírio de normalidade, clínica do delírio generalizado.

Título em inglês: **The widespread intoxication and delirium of normalcy**

Abstract: This paper seeks to articulate intoxication, delirium of normalcy to the subject of widespread clinical delirium.

Keywords: Intoxication, delirium normalcy, widespread clinical delirium

A intoxicação generalizada e o delírio de normalidade¹

Lilany Pacheco²

O sintoma na clínica do delírio generalizado é o título do XVIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, que acontecerá em São Paulo nos dias 19, 20 e 21 de novembro de 2010. Esse Encontro se inscreve na série de um trabalho profícuo que vem sendo desenvolvido em todo o Campo Freudiano e na Associação Mundial de Psicanálise sobre o sintoma.

Fazendo série com o Encontro Brasileiro, teremos o Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana, no Rio de Janeiro, nos dias 11 e 12 de junho de 2011, organizado em torno do tema *A saúde para todos, não sem a loucura de cada um (perspectivas da psicanálise)*.

Tal como escreve Marcus André Vieira, Diretor desse Encontro:

“...o ‘não sem’ de nosso título convida a outro caminho. Esta expressão afasta a simples oposição entre seus termos. A loucura não será definida, como de hábito, como o contrário da saúde mental ou da razão, mas acrescenta-se a elas como condição imprescindível. [...] E que loucura? Estritamente a ‘de cada um’, aquela que se materializa, em variadas maluquices, nossa fração mais singular. Ela destoa do conjunto de lembranças e comportamentos que constitui nossa identidade, sempre com um pé no universal.”

Em sintonia com a AMP e o Campo Freudiano, as atividades da Seção Clínica do nosso Instituto foram organizadas de modo a contemplar esses pontos de investigação e nos preparar para o momento em que nossa comunidade se reúne para compartilhar e transmitir o produto de nossas investigações.

Como escreveu o Diretor da Seção Clínica do IPSM-MG, Henri Kaufmanner, "uma conversação em torno da idéia da intoxicação generalizada busca levar a discussão mais além da toxicomania". Ou, tal como a Rede TyA enfatiza, a era da intoxicação é a era das toxicomanias, no plural, corolário da pluralização dos nomes do pai.

Ainda Kaufmanner:

"vimos a incompletude do Outro ser substituída por sua inconsistência. Onde havia o Outro da palavra encontramos hoje em dia o Outro científico, que por seus experimentos e produtos introduz definitivamente a cultura no campo da intoxicação generalizada."

O convite para trabalhar o tema da conversação me colocou diante de algumas questões que me levaram a optar por apresentá-las e discuti-las, uma vez que estamos em uma conversação, antes de tentar respondê-las.

É possível incluir a "intoxicação generalizada" no contexto do que temos trabalhado como o "delírio generalizado"? Podemos equivaler a "loucura produzida pela intoxicação" ao "delírio generalizado"? Ou, na direção oposta, podemos tomar o "delírio generalizado" como uma "intoxicação" do significante? Ou, ainda, se a resposta à forclusão generalizada e seu efeito de perda da realidade, de delírio generalizado, para todo ser falante é o sintoma, podemos dar à intoxicação o estatuto de sintoma, seja em sua acepção freudiana, seja como o "sintoma" lacaniano, o sintoma solução?

Pareceu-me interessante lembrar a alusão de Freud, em "Três Ensaio sobre a sexualidade", ao sintoma histérico como uma intoxicação e sua referência à toxicidade da libido como um elemento intrínseco ao funcionamento do aparelho psíquico.

Ocorre-me, ainda, Millôr Fernandes com suas perguntas cretinas, como ele as denomina: "Quando você tem que engolir as próprias palavras, fica intoxicado?" A história do movimento psicanalítico mostra que foi exatamente aí onde o circuito lingüístico é intoxicante que a psicanálise acedeu como modo de tratamento pela "limpeza da chaminé".

De modo provocativo, Miller nos adverte, "diante do louco, diante do delirante, não se esqueça de que você é ou você foi analisante, e que você também falava do que não existe." É também Miller que adverte que, se todo mundo é louco, torna-se interessante estabelecer as diferenças.

Tal como destacado na chamada para o Encontro Brasileiro publicada em Veredas:

"O sintoma, em seu cerne, é um modo de gozo, uma satisfação que vem substituir aquela concernente à relação sexual, se ela existisse. A inexistência da relação sexual implica, portanto, que toda construção sintomática se baseia em um momento fundador do sujeito, no qual algo fica de fora, expulso, foracluído de qualquer possibilidade de simbolização. Nesse sentido, o sintoma é uma solução substitutiva, que diz respeito à forma contingente que a inexistência da relação sexual toma para cada um, ou seja, o sintoma é uma maneira singular, única, que cada sujeito inventa para abordar o real, e, portanto, é daí que se pode extrair a diferença." (Silva et al., 2010)

E, por fim, parece digno de nota que a generalização do delírio quer dizer que o que supostamente chamamos normalidade também é delirante — independente da estrutura clínica, há uma forclusão que se coloca para todo ser falante e em relação à qual todo discurso é defesa contra o real.

Como apontou Éric Laurent em *O delírio de normalidade*, Lacan mostra, logo no início de seu ensino, que o sintoma é uma língua particular de um sofrimento particular e que o ideal e os poderes da razão ou da cognição são de fazer desaparecer essa língua particular na língua comum.

A provocação lacaniana implícita no "todos loucos", esclarece Laurent, não quer dizer que todo mundo é psicótico, e tampouco se trata da abolição de toda clínica, mas que não há nenhuma possibilidade de alcançar normas comuns.

Quanto mais globalizados são os ideais da civilização, mais comuns serão os espaços de civilização que antes permaneciam separados, com propostas de uma norma para todos em um utilitarismo sem limites, que fará com que tenhamos sempre que lembrar que o mundo é louco e que o laço social não existe. Existem maneiras de falar, discursos que fazem semblante de laço social. Cada um, com seu sintoma, com sua língua particular faz obstáculo à norma do "para todos".

Não é nesse contexto que encontramos o "Outro científico, que por seus experimentos e produtos introduz definitivamente a cultura no campo da intoxicação generalizada?" Com a apropriação da ciência e sua tecnologia do espaço até então ocupado pelo saber, o corpo e sua sanidade passam a ser determinados pelos modelos científicos, tal como na proposição de Laurent de que "hoje, o que temos em comum, não é o laço social, político ou religioso, mas nosso corpo, nossa biologia. Transformamos o corpo humano num novo Deus: o corpo como a última esperança de definir o bem comum", ou seja, a saúde para todos na perspectiva do "todos iguais".

Não é esse também o falso semblante que constitui o discurso toxicomaniaco e seu empuxo à intoxicação generalizada, uma vez que essa é a norma vigente em nosso contexto contemporâneo? Não é no delírio de normalidade e no querer se fazer igual que encontramos a patologia denominada por Tarrab de "patologia do 'não posso deixar de

fazê-lo', eclipsando a responsabilidade do sujeito" que nada mais faz que obedecer aos ideais contemporâneos?

Por fim, ao abordar o "delírio de normalidade", Laurent lembra que diante dos novos sintomas, inclassificáveis, das novas classificações e dos novos ideais de normalização do Outro social, a psicanálise aplicada teve grande êxito, a ponto das novas normas se tornarem um sintoma dentro de nossas Escolas quando as discussões dos casos colocavam acento na promessa em detrimento de se enfatizar o irreduzível do sintoma.

Tal como constatou Miller na primeira lição do seminário *Coisas de fineza em Psicanálise*, a nossa tentativa de seduzir o amo fez com que os psicanalistas se encontrassem, eles mesmos, seduzidos pela nova figura do amo provido de novos ideais contemporâneos.

Advertidos disso, faz-se necessário que mantenhamos a pergunta proposta no argumento para esta conversação: "O que pode a psicanálise diante dessa realidade?"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, M. In: [@millorfernandes](http://www.twitter.com).

FREUD, S. "A perda da realidade na neurose e na psicose" (1924). In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 229-234.

KAUFMANNER, H. **Debilidade ou loucura: elucubrações a partir do conceito de Parlêtre**. (Inédito, para uso interno do IPSM-MG).

LACAN, J. **O Seminário, livro 3. As psicoses** (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23. O sintoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAURENT, É. Entrevista ao *La Nación*, publicada no jornal argentino em 09 de julho de 2008.

LAURENT, É. "O delírio de normalidade" (2008). In: VIEIRA, Marcus André e MANDIL, Ram (Org.). **A clínica analítica hoje: o sintoma e o laço social**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, p. 23-33. IV Encontro Americano de Psicanálise Aplicada da Orientação Lacaniana.

MILLER, J.-A. "Clínica irônica" (1993). In: **Matemas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 190-200.

MILLER, J.-A. y outros. **El saber delirante**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, J.-A. **Orientation Lacanienne III, 10: Tout le monde est fou**. Paris, 2007-2008. Lições XVI, XVII, XVIII.

MILLER, J.-A. **Coisas de Fineza em Psicanálise - Lição I**. Documento de trabalho para os seminários de leitura da Escola Brasileira de Psicanálise. Tradução de Vera Avellar Ribeiro, 2008-2009.

SILVA, Rômulo Ferreira et al. "O sintoma na clínica do delírio generalizado". XVIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. In: <http://www.ebp.org.br/encontro2010/apresenta.html>.

VIEIRA, Marcus André. "A saúde para todos, não sem a loucura de cada um". **Diário do Americano**, n.1. V ENAPOL. In: <http://www.ebp.org.br/enapol>, acessado em 03 de setembro de 2010

¹ Texto apresentado na 3ª Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG, em 28/08/2010.

² Membro da EBP/AMP, integrante do Corpo Docente do IPSM-MG, doutoranda em Saúde da Criança e do Adolescente – Ciência da Saúde, Escola de Medicina, UFMG.